



A divulgação desta foto — a última em que Tancredo aparece vivo — devolveu momentaneamente a esperança aos 130 milhões de brasileiros

O longo martírio que a Nação acompanhou

Foram dias em que a população brasileira viveu um misto de tensão, angústia, alívio e esperança de que o Presidente eleito conseguisse se recuperar. O primeiro susto — e a grande frustração — começou no dia 14, quando Tancredo foi internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, à noite, algumas horas antes da posse. No início da madrugada ele sofre a primeira cirurgia. Segundo os médicos Renault Mattos Ribeiro e Francisco Pinheiros da Rocha, Tancredo estava com diverticulite, uma inflamação no divertículo de Meckel.

E só aí os médicos revelam que ele vinha sentindo dores abdominais há quatro dias e não apenas faringite, como haviam anunciado. Na tarde desse mesmo dia, as informações oficiais são otimistas: o Presidente eleito passava bem e podia deixar a UTI rapidamente.

Até o dia 17, os boletins médicos são otimistas, dando a entender que o Presidente não tardaria a receber alta. Mas na verdade esses boletins estavam omitindo um problema que se agravaria depois: uma obstrução intestinal. No dia 18, professe a desinformação. A linguagem oficial usa termos como «melhora expressiva e progressiva» e, pelos relatos de assessores, aparece um Tancredo falante e animado. Ao mesmo tempo, o Hospital das Clínicas de São Paulo é colocado em estado de alerta.

No dia 19, Brasília é surpreendida com a chegada de nove especialistas vindos de São Paulo, Rio e Belo Horizonte. Era a junta médica, cuja presença fora negada na véspera. Depois de vários exames, a junta emite boletim considerando correto o tratamento anterior e registrando somente a existência de «alterações nos movimentos intestinais».

Segunda cirurgia

No dia 20, Tancredo sofre a segunda cirurgia, liderada pelo médico paulista Henrique Walter Pinotti. Oficialmente, para extirpar as aderências que se formaram nas paredes do intestino. A simplificação da linguagem protocolar esconde um quadro real: o Presidente eleito estava com os tecidos debilitados, vomitava, tinha acessos de tosse e com isso sofreu ruptura da membrana intestinal. A sutura da primeira operação também se rompeu.

No dia 22, confiante, Pinotti anuncia que o Presidente eleito teria alta hospitalar em poucos dias e poderia tomar posse antes do final de março. Segundo o porta-voz Antônio Britto, Tancredo brincou com os médicos, que queriam lhe dar cama mais confortável: «Não quero, é mordomia».

No dia 23, tudo parece caminhar realmente para uma recuperação rápida. Tancredo até escreve uma mensagem ao vice-Presidente José Sarney, elogiando sua «irrepreensível correção moral» no desempenho do cargo.

No dia 26 volta a tensão. O alívio das fotos divulgadas no dia anterior é substituído pela angústia de ver o Presidente desembarcando de maca em São Paulo, rosto coberto e tendo ao lado frascos de soro e sangue. Só aí o País fica sabendo que ele estava com uma hemorragia desde a noite anterior. Os médicos ainda tentam conter a hemorragia com medicamentos. Não dá certo. Às 13h20 Tancredo entra pela terceira vez no Centro Cirúrgico, em 12 dias. A equipe do Dr. Pinotti retira um anel de um centímetro do intestino e estanca o sangramento.

Começa, no dia 27, a fase mais difícil para Tancredo. Os médicos passam a ser mais cautelosos e os boletins oficiais mais francos. Assim, revelam a existência de ferrenha batalha contra um novo problema: a infecção de natureza hospitalar. Quem comandou essa luta foi o imunologista Vicente Amato Neto. Nesse dia Tancredo recebe a visita de Sarney e demonstra a ele, por gesto através do visor de vidro, que, apesar das três cirurgias, estava bem.

O quadro volta a ser mais otimista, mas

os médicos se mantêm prudentes em suas declarações. No dia 30, depois de receber transfusão de glóbulos vermelhos para corrigir uma discreta anemia residual, o próprio Tancredo exige que os médicos digam à Nação a verdade sobre seu estado de saúde. A verdade, segundo eles, é que o processo infeccioso não cedia, apesar do uso de antibióticos importados.

Depois disso, nova melhora nas condições gerais. No dia dois à tarde, o inesperado: Tancredo é submetido à quarta cirurgia em 19 dias. Desta vez, de acordo com a equipe do Dr. Pinotti, para corrigir uma hérnia inguinal encarcerada no lado esquerdo do abdômen. Esta operação foi bem mais simples que as anteriores, tendo sido utilizada a anestesia peridural, que lhe permitiria uma recuperação mais rápida.

Bactéria

Ainda no dia dois, a equipe do imunologista Vicente Amato Neto conseguiu classificar a bactéria responsável pela infecção existente no corte da primeira cirurgia. Tratava-se da *Pseudomonas Sepácea*, uma bactéria muito resistente, mas cujo antibiótico a que ela é sensível — não produzido no Brasil — já estava ao alcance dos médicos.

Mas os antibióticos — como é normal — não conseguiam debelar dois focos infecciosos, purulentos, localizados no abdômen e então uma quinta cirurgia teve que ser realizada para retirada desses abscessos. Pelas circunstâncias, era a mais delicada das cirurgias, embora se tratasse de duas incisões de apenas dois centímetros cada uma para drenar os focos de infecção.

Como Tancredo, desde a manhã, apresentava insuficiência respiratória, a cirurgia foi executada com anestesia geral, mas com um tubo de oxigênio ligado à traquéia, através da cavidade bucal. Depois da operação, o médico Walter Pinotti, em telefonema ao Presidente da Câmara Federal e amigo pessoal de Tancredo, manifestou preocupação com a persistência das instabilidades circulatórias e revelou que a saúde de seu paciente inspirava «sérios cuidados».

Pulmões

Um boletim médico divulgado seis horas após a quinta cirurgia, devolvia novamente ao País a esperança na recuperação de Tancredo. O boletim informava que o aparelho circulatório voltava a se estabilizar e que o quadro clínico era «animador». Mas desde aquele momento, os pulmões do presidente não voltaram mais a funcionar com normalidade e a respiração teve que continuar sendo auxiliada por aparelhos.

O quadro clínico continuou melhorando, para surpresa dos médicos, mas o tubo orotraqueal introduzido antes da cirurgia do dia quatro para auxiliar a respiração estava criando sério incômodo a Tancredo. Os médicos decidiram, no dia 09, realizar uma traqueostomia, substituindo o tubo orotraqueal por outra sonda introduzida diretamente na altura da traquéia.

Era uma operação simples, uma pequena incisão, que pode ser feita apenas com a ajuda de anestesia local. A reação do organismo de Tancredo mais uma vez surpreendeu os médicos, mas desta vez negativamente. No início da noite, algumas horas depois da operação, foi o governador Franco Montoro quem admitiu, com os olhos lacrimejantes, o «estado crítico» do presidente eleito. Pouco antes, o presidente José Sarney havia recebido um telefonema de São Paulo — ao desligar, levou as mãos à cabeça e exclamou emocionado: «Meu Deus, mais esta agora».

Mas no final da noite a situação passou de «gravíssima» para «grave» e no começo da madrugada ele estava melhor, com temperatura e pressão normalizadas e os batimentos cardíacos, que tinham chegado a 170 por minuto no início da noite, tinham baixado para 110 por minuto durante a madrugada.

O quadro geral continuou estabilizado,

com discretos sinais de melhora durante o dia dez, apesar das previsões pessimistas e das ondas de boatos dando conta que Tancredo já teria morrido e que a notícia somente seria divulgada oficialmente à noite. No dia 11, no entanto, após uma série de exames, os médicos localizaram mais um foco infeccioso no abdômen, que o organismo — extremamente debilitado — do presidente eleito não conseguiu combater mesmo com a ajuda dos antibióticos.

Enfraquecimento

Realizou-se, então, a sétima intervenção cirúrgica, que começou às 23:55 h, do dia 11 e só terminou por volta das seis horas do dia 12. Pouca gente acreditava que Tancredo sobrevivesse a mais esta operação. E ele sobreviveu, mas, se a nova intervenção eliminou provisoriamente os problemas provocados pelos três focos infecciosos, trouxe, como decorrência, uma série de complicações advindas de enfraquecimento ainda maior do organismo do paciente.

As complicações começaram com a paralisação dos rins que passaram a ser substituídos por instrumentos nas suas funções de filtragem do sangue e eliminação de líquidos. Houve também a redução da capacidade de oxigenação do sangue por parte dos pulmões, uma vez que o aumento da quantidade de líquidos ocupou uma parte dos alvéolos, onde se processa a oxigenação.

Não bastasse isso, Tancredo passou também a sofrer súbitas alterações de batimentos do coração e dos níveis de temperatura e pressão arterial, controlados desde então com medicamentos. Nos dias seguintes, vários de seus órgãos foram sendo substituídos por instrumentos sem que isso impedisse que seu estado continuasse se agravando. Na segunda-feira alguns jornais publicaram versões não oficiais dando conta de uma coisa que a população, mesmo a contragosto, já havia considerado: o processo de deteriorização a saúde de Tancredo Neves já era irreversível e o presidente eleito só se mantinha vivo graças aos modernos instrumentos.

Na quarta-feira, dia 17, o cirurgião Walter Pinotti devolveu à população um pouco de esperança na recuperação do presidente. Após fazer um extenso relato de todo o tratamento, foi desde a primeira internação, no Hospital de Base de Brasília — quando explicou todas as complicações surgidas e detalhou todas as providências adotadas pelos médicos.

Recada

Esta nova esperança foi desfeita algumas horas depois. Na madrugada de quinta-feira o presidente eleito teve uma recaída, com uma nova crise de bacteremia que complicou ainda mais as condições cardiocirculatórias e respiratórias. Durante a madrugada e o dia de quinta-feira, apesar de ajudado por aparelhos, os pulmões do presidente já não conseguiam aproveitar mais que 30 por cento do oxigênio necessário ao seu organismo e o seu coração.

No início da noite passaram a crescer, nas redações dos jornais os rumores de que Tancredo Neves já teria morrido, mas sem nenhuma confirmação oficial. Surpreendentemente, naquela mesma noite o quadro voltou a se estabilizar, embora num patamar considerado ainda mais grave pelos médicos, e assim se manteve nos últimos três dias.

No sábado pela manhã desembarcou em São Paulo, procedente de Nova Iorque, o médico Warren Myrol Zapol, um dos maiores especialistas internacionais em pulmões, como último recurso buscado pela equipe do Instituto do Coração para tentar reverter o quadro crítico em que se encontrava o aparelho respiratório de Tancredo. Depois de examinar o paciente, o médico norte-americano não acrescentou nada que pudesse devolver as esperanças à população. Tancredo era um paciente terminal — sem possibilidade de recuperação — segundo Zapol. No domingo à noite, o quadro de agravou ainda mais e às 22:23 h, ele faleceu.